

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

**O PROTAGONISMO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ESTUDANTIL  
EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL**

Natália de Oliveira Gomes  
Nº de Matrícula: 112790028A  
Polo: Bicas

JUIZ DE FORA  
2019

NATÁLIA DE OLIVEIRA GOMES

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

O PROTAGONISMO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ESTUDANTIL  
EM ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador (a) Katiúscia Cristina Vargas Antunes

JUIZ DE FORA  
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca  
Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gomes, Natália de Oliveira .

O protagonismo docente na construção da autonomia estudantil em  
alunos com deficiência intelectual / Natália de Oliveira Gomes. - 2019.  
29 f.

Orientadora: Katiuscia Cristina Vargas Antunes

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade  
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação  
Especialização em Educação Inclusiva em Contextos  
Escolares, 2019.

1. Deficiência Intelectual. 2. Inclusão. 3. Autonomia estudantil. 4.  
Protagonismo. I. Antunes, Katiuscia Cristina Vargas , orient. II. Título.

NATÁLIA DE OLIVEIRA GOMES

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**  
**PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

\_\_\_\_\_  
Professora Dr.<sup>a</sup> Katiúscia Cristina Vargas Antunes / UAB  
Universidade Federal de Juiz de Fora

\_\_\_\_\_  
Professor M.e Rodrigo Geraldo Mendes / UAB  
Universidade Federal de Juiz de Fora

\_\_\_\_\_  
Professora Dr.<sup>a</sup> Mylene Cristina Santiago / UAB  
Universidade Federal de Juiz de Fora

JUIZ DE FORA  
2019  
AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho inicial a Deus, Pai de todas obras e autor primário de todas as realizações que alcanço em minha vida.

Agradeço a Universidade Federal de Juiz de Fora pela iniciativa de fomentar a educação inclusiva e proporcionar as mais diversas pessoas um novo olhar e saber sobre esse ramo educacional que carece de maior destaque.

A todos os professores deste curso que souberam compartilhar seus conhecimentos e enriqueceram ainda mais as discussões e descobertas. O carisma, o respeito, a responsabilidade e o comprometimento com cada setor foram de fundamental importante para o sucesso desse caminhar.

Quero agradecer, em especial, a minha professora orientadora Katiuscia Antunes que, mesmo diante tantas falhas e tropeços meus, soube me basilar e consolidar minhas práticas e aperfeiçoamento teórico.

Aos meus amados pais Renato e Marilea e minha irmã, fonte de inspiração, Renata por todo o incentivo e cobrança durante os anos de minha formação.

Ao meu amado, Willian, pelo carinho, apoio e amor incondicional.

Aos amigos de curso que souberam fazer da jornada uma atividade de muito conhecimento, carinho, alegrias e paixão pela inclusão.

A todos que direta ou indiretamente colaboram para mais uma conquista em meu caminhar.

Meu mais sincero obrigada!

O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.

*Paulo Freire*

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo descrever uma ação de intervenção pedagógica cujo foco foi desenvolver uma autonomia estudantil nos alunos com deficiência intelectual, através do trabalho investigativo e criativo dos professores que se fazem presente, todos os dias, na sala de Atendimento Educacional Especializado, AEE. A partir da observação das condições vigentes da escola pública para efetivação da inclusão de alunos com deficiências, as perguntas problemas surgiram e foram a força motriz para a realização de tal ação: como os professores, partindo da sua autonomia como criadores de materiais e recursos didáticos, podem colaborar verdadeiramente para a efetivação da inclusão na escola pública? Como eles podem auxiliar o grande número de aluno com deficiências a serem mais ativo em sua aprendizagem? Partindo desses problemas, o objeto de pesquisa foi desenvolver nos docentes a capacidade de criar materiais que auxiliassem seus alunos com deficiência intelectual a construírem uma independência estudantil e a melhoraram a sua forma de aquisição da aprendizagem. Metodologias como a abordagem qualitativa, que buscou levantar dados acerca das atuais situações oriundas do grupo em análise, a pesquisa, a qual trataremos pelo termo conversa devido a carga negativa que aquela nomenclatura carrega, e a anotação de campo foram utilizadas para ancorar o trabalho interventivo. Uma pesquisa bibliográfica também aconteceu para auxiliar a construção do referencial teórico. Atividades sistematizadas, com a utilização de jogos, materiais concretos e por meio eletrônico, foram criadas e utilizadas aspirando colaborar para o interesse do aluno. Os resultados mostraram que quando o professor parte do aluno com deficiência intelectual, para realizar sua ação pedagógica, esse consegue interagir de maneira mais assertiva e sua aprendizagem têm destaque.

Palavras-chaves: Deficiência Intelectual. Inclusão. Autonomia estudantil. Protagonismo.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO:.....	9
2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO:.....	10
3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO:.....	11
4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA: .....	13
5 OBJETIVO GERAL:.....	15
6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS: .....	15
7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO:.....	16
7.1 Proposta de intervenção.....	16
7.2 Recursos construídos para a intervenção.....	16
8 CRONOGRAMA: .....	20
9 RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: .....	21
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS: .....	25
11 REFERÊNCIAS: .....	26
Piper Short Film by Disney Pixar. FilmInTheMaking. Youtube. 10 fev. 2017. 6 min26s. Disponível em: <a href="https://www.youtube.com/watch?v=lkQTe0Wdo2k">https://www.youtube.com/watch?v=lkQTe0Wdo2k</a> . Acesso em: 20 fev 2019. .....	27
ANEXO A – Termo de consentimento para desenvolvimento do projeto de intervenção: .....	28

## 1 INTRODUÇÃO:

O desejo pela participação emana em mim desde os primórdios de minha vida. A dedicação extrema ao teatro, a dança, a música, sempre foi indício de um desejo que estava impregnado em minha essência: ser alguém que viva e trabalhe para aprimorar e dar um gosto a mais a vida de outrem.

Dentre todas as possibilidades que me foram oferecidas, visto que durante os anos escolares meu empenho em cada disciplina foi sublime e isso dava base para seguir qualquer profissão, à docência foi aquela que me conquistou e fez trilhar caminhos em busca da aprendizagem de como transmitir preceitos a outras pessoas e colaborar para a sua melhoria. Encontrei, então, na educação minha vocação e meu gozo pelo trabalho.

Durante os períodos finais da minha graduação em Letras, pela Universidade Federal de Juiz de Fora, tive a oportunidade de ser monitora das disciplinas de Saberes Escolares Da Língua Portuguesa e de Práticas Textuais II e essas fizeram com que eu me tornasse parte do Grupo de Pesquisa do Núcleo FALE, UFJF. Após a inclusão no grupo, meus olhos se abriram para as questões acerca da educação as quais, até aquele momento, eram desconhecidas. E dentre elas a da educação inclusiva.

Desse momento em diante, comecei uma nova jornada que iria contemplar meu propósito de auxiliar o crescimento e visibilidade desse ramo educacional: a busca pela aprendizagem e dedicação aos estudos da inclusão. Com isso, busquei no Curso de Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares os primeiros passos a serem dados e, hoje, sei que muitos outros passos precisam ainda serem dados para que meu designo seja cumprido.

Sendo assim, o presente trabalho foi postulado diante dos acontecimentos supracitados e a partir de uma observação feita no meu cotidiano, agora, como professora: o grande fluxo de alunos com deficiências na escola pública e, mais especificamente, à presença de alunos com deficiência intelectual na sala de aula regular. Essas, abarrotadas de alunos, não conseguem dispor da dedicação específica que esses alunos demandam o que culminava em uma sobrecarga das professoras da sala de Atendimento Educacional Especializado, AEE. Isso, extrapolou ainda mais a inquietação inicial e foi a mola precursora para desenvolver esta pesquisa que tem por base ser uma ação de intervenção pedagógica voltada para o professor, auxiliando o seu protagonismo como criador de materiais, e para o aluno, criando e desenvolvendo uma autonomia estudantil.

O trabalho aqui exposto está organizado em dez seções. A primeira é dedicada a introdução, a segunda a contextualização que culminou na questão problema, a terceira na exposição desse problema e a quarta na sua justificativa. A quinta e a sexta detalharam os objetivos geral e específicos da intervenção, respectivamente, enquanto a sétima descreverá as alternativas escolhidas para a ação pedagógica. A oitava vem para registrar todo o processo, sendo chamado pois de cronograma. É na nona seção que iniciamos o relato da pesquisa ação, isto é, da ação efetiva em sala com os alunos perante todas as circunstâncias e situações: a contextualização inicial, as atividades desenvolvidas e os resultados obtidos à aprendizagem do aluno, para finalizarmos com as conclusões na décima.

## **2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO:**

Quando o jovem se forma para a profissão de professor o desejo de ver o retorno de seus estudos, de melhorar a qualidade do serviço prestado e a ânsia por modificar a vida de outros, que são à primeira vista desconhecidos, distantes e até passageiros, são os sentimentos que mais o dominam e o guiam durante o seu ofício. A forma de enxergar o mundo se modifica e isso transforma o ser.

Ao ingressar, então, no trabalho, após a conclusão da graduação, me deparei com situações diversas: professora de inglês na Educação Básica, escola privada, cidade natal, e professora de língua portuguesa no Ensino Médio, escola pública, cidade vizinha. Duas realidades distantes, duas cidades, públicos alvos, idades e cargas pessoais dos alunos altamente divergentes. Todavia, ambas convergindo para as mesmas questões e desafios: a educação inclusiva.

Alunos autistas, com bipolaridade, deficiência motora, paralisia cerebral, TDAH, são alguns dos casos encontrados nessas realidades. Contudo, uma é mais atrativa e mais motivadora para o estudo deste trabalho: que é o índice de alunos na escola pública com deficiência intelectual.

A escola pública já carrega em seu nome o peso do demérito, de ser menos eficiente do que a privada (todos pensamentos oriundos do senso comum e de uma realidade que nos foi dada no passado). E quando essa está inserida em uma cidade pequena? Uma cidade com menos de três mil pessoas cuja economia está centrada na zona rural? Qual ou quais os pensamentos negativos que se tem? Inúmeros. Porém, a realidade é diversa.

Em 2018, a escola pública conseguiu junto as entidades governamentais a instalação da sala de recursos multifuncionais para Atendimento Educacional Especializado, AEE, e professoras de apoio que trabalham dentro da perspectiva inclusiva. Com essa conquista, as professoras responsáveis conseguiram catalogar todos os alunos que necessitam da educação inclusiva e o número de crianças é assustador.

Vivemos em uma realidade na qual os alunos, de forma geral, chegam ao ensino médio sem conseguir ler e compreender coisas básicas e faltam lhes malícias para vencer desafios. Com tal realidade, o trabalho se torna mais cansativo porque os professores precisam retornar a questões anteriores para suprir falhas, para, conseqüentemente avançar e cumprir seus cronogramas. Mas, evoluir na equidade, dando base a todos e respeitando cada cenário, educação inclusiva principalmente.

Essas realidades apresentadas aliadas ao que foi visto ao longo dos meses no curso de especialização me fez deparar com a seguinte questão: Como o professor da sala de recursos, partindo da sua autonomia como criador de materiais e recursos didáticos, pode colaborar verdadeiramente para a efetivação da inclusão na escola pública? Como ele pode auxiliar os alunos com deficiência intelectual a serem mais ativos em sua aprendizagem?

Por essa razão é que o trabalho foi denominado de “O PROTAGONISMO DOCENTE NA CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA ESTUDANTIL EM ALUNO COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL”, uma forma de auxiliar professores e alunos na evolução das suas metas.

### **3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO:**

A escola, sem sombra de dúvidas, é o principal ponto de acesso dentro dessa comunidade. É lá onde as famílias se reúnem, há discussão, informações e convivência. Por isso, é um local de intenso fluxo e de grande importância organizacional para o pequeno município.

Por ser uma cidade urbana que tem a principal atividade fundada na vida agricultura e pecuária, muitos alunos são moradores da zona rural e se fazem presentes no centro apenas para frequentar as aulas. Dividida entre turno matutino e noturno (sendo esse mais frequentado pelos alunos que já dispõe de alguma atividade empregatícia), a escola estadual recebe seus 150 alunos todos os dias de braços abertos, buscando proporcionar-lhes uma vivência prazerosa e produtiva. Apresenta uma excelente infraestrutura (com quadra poliesportiva, refeitório amplo,

sala de informática, salas de aula limpas e equipadas com bebedouros e tvs), dispõe de equipamentos paradidáticos (além dos computadores dispostos na sala de informático, temos também alguns notebooks para uso do professorado, Datashow, wifi, biblioteca organizada e atualizada, xerox, scanner, equipamento de som) e conta com um corpo docente que prioriza o aluno (são 25 profissionais, dentre professores, ATBS, secretariado e outros).

Para além disso, o número de alunos que chegam até ela na esperança de encontrar uma educação inclusiva de qualidade é grande. A escola conta com uma gama de alunado que apresenta PDI diversos e que necessita da inserção direta da sala de AEE e das professoras de apoio.

A criança com deficiência tem direito garantido à educação na rede regular de ensino, assegurado na Lei nº 9394 de 1996, a terceira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo quarto, inciso III:

III - atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1996).

Cabe a escola fazer com que essa legislação seja efetivada e o aluno esteja incluído na sociedade a qual participa. Sabemos, no entanto, que é uma tarefa árdua tendo em vista que os cursos de licenciatura ainda não estão totalmente capacitados para desenvolver no futuro professor conhecimentos adequados para tal atividade. Além disso, Salamanca (1994) nos provoca ainda mais ao dizer em sua Declaração que a inclusão é um desafio, uma vez que estabelece que o direito à educação é para todos e não só para aqueles que apresentam necessidades educacionais especiais.

Uma solução para esse cenário está no trabalho em parceria que os professores do ensino regular devem traçar com os professores da Educação Especial. Unindo conhecimentos e técnicas diversas, esses profissionais podem elaborar novos métodos de ensino-aprendizagem que irão consolidar a inclusão e a educação desses alunos conforme a lei.

Na busca fazer valer essa proposta a primeira medida a ser tomada foi a conversa com as professoras que administram a sala de AEE. Perguntar como ocorre o funcionamento da sala (funciona todos os dias no período da tarde e a professora responsável da equipe é quem administra os turnos e as ações diretas das crianças), quais materiais ela detém (muitos materiais já impressos para atividades de colorir, desenhar, computadores, livros e materiais confeccionados pelas alunas do curso Normal), qual a metodologia que elas mais abordam (destaque para as Leis que regem a nossa constituição, Salamanca e Paulo Freire) e qual o quadro de cada aluno.

Com quadros diversificados, as docentes buscam atender todos de forma maciça e ativa. Nota-se que o principal objetivo é tornar o aluno capaz de realizar ações práticas da vida (ir ao banco, ao supermercado) até as de maior destaque (ingresso em uma faculdade, manuseio computacional), porém, para se chegar a tal precisa-se suprir as falhas educacionais que estão intrínsecas na bagagem desses jovens.

Além desses desafios, as professoras enfrentam outro maior: a frequência dos alunos. A cidade, como já citado, tem grande parte da sua população vivendo na zona rural. Assim, muitos alunos questionam a dificuldade de ir à escola em épocas de chuva, paralizações e problemas técnicos que impedem os carros e micro-ônibus de irem até a roça. Isso faz com que a frequência seja algo irregular e imprevisível.

Partindo para um próximo passo, conhecer os alunos fez se necessário para conhece-los, reconhecer as necessidades e buscar ideias de solucioná-las. Os laudos médicos e PDIs são diversificados, porém, o que mais chama a atenção é para os dois alunos com deficiência intelectual.

Essa deficiência, como nos diz VANCONCELOS (2004 apud TÊDDE, 2012, p.23). está listada entre uma das mais presentes nos jovens e é caracterizada pelo não desenvolvimento cognitivo, implicando em um QI, normalmente, menor do que esperado para a idade cronológica da criança, culminando em um desenvolvimento mais lento na fala, no neuropsicomotor e em outras habilidades.

Apesar desse baixo rendimento, as crianças com deficiência intelectual são capazes de aprender a ler e escrever, e transporta-las para o seu cotidiano. É capaz, também, de elaborar as funções psíquicas desejáveis, quando é parte de uma interação de qualidade, em que o docente atue para a formação social da mente e cumprindo sua função social.

Pensando, pois, em corroborar com essa realidade, o trabalho proposto aqui, visa auxiliar na construção de materiais que serão utilizados pelos alunos ao longo dos anos, uma vez que haverá a necessidade de pequenas atualizações temporais.

#### **4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA:**

Ser professor é um ato que vai além de transmitir aquilo que já se foi dito sobre determinado assunto. É ser alguém capaz de modificar internamente uma pessoa e fazer com

que ela transmita para seu entorno mudanças e melhorias. Ser professor é formar alunos cidadãos críticos e aptos de seus deveres e direitos.

Contudo, para tal formação faz-se necessário um tipo de educação que vise não só a postura do profissional, mas também a do alunado: a educação por meio da interação. Essa teoria vygotskyana, que por séculos é estudada nos cursos de licenciaturas, põe a prova o papel que a sociedade tem na formação do novo indivíduo, já que esse aprende a viver através da ação com o meio ao qual está (por essa razão que uma criança brasileira aprende o português e não o russo: ela está inserida em um nicho que fala determinada língua e logo aprendera essa).

A aprendizagem, então, é realizada através de duas esferas: uma sob as mãos de pessoas que já compreende determinado assunto e outra sob as mãos de quem não os detém, mas possui nova visão, percepção e pensamento. A educação, então, deve se estruturar nesse elo. Nesse pensar, vemos que a figura do professor tem destaque na sociedade, ainda mais quando essa é pequena e de pouca circulação. Para Thesing:

(...) a postura do educador que compreende que o educando constrói o conhecimento na relação com o outro, mediado pela sua cultura, supõe-se diferenciada daquele que defende a aprendizagem exclusivamente a partir da memorização e da repetição de exercícios. Além de se fundamentar em uma perspectiva epistemológica, estão alicerçadas em conceitos filosóficos a respeito do que é educação, do que é escola, do que é sociedade (THESING, 2018).

Ao se pensar dessa forma, podemos analisar melhor as salas de educação inclusiva. Muito se pensa, devido aos inúmeros mitos que cercam esse segmento educacional, que o aluno com deficiência não tem o que apresentar dentro da sala de aula. No entanto, a realidade é outra pois esses também apresentam experiências particulares que corroboram para a sua aprendizagem, eles também interagem com o mundo e o mundo com eles.

O que falta nesses casos é criar e estimular a autonomia discente. O aluno que se sente capaz de realizar uma operação matemática, ler um texto e discutir sobre um filme exibido é aquele que mais detém aprendizagem e mais se satisfaz como ser ativo da sociedade. Os alunos com deficiência intelectual precisam se sentir aptos a todo e qualquer tipo de interação para que possam deixar para trás certos preconceitos e auxiliar educação inclusiva na evolução dos novos conceitos.

Como forma comprobatória que os deficientes intelectuais são capazes de construir e desenvolver a sua capacidade cognitiva, Mantoan (1997), realizou um experimento, com um grupo de pessoas com a deficiência, e os resultados de tal procedimento ratificaram que os deficientes intelectuais são capazes de construir sua inteligência, de forma igual aos não deficientes, sendo capazes, portanto, de se beneficiar de procedimentos educacionais que têm por base a abstração, processo pela qual se estrutura o conhecimento, segundo a autora.

O deficiente intelectual tem mecanismos para aprimorar a sua inteligência e cabe ao professor compreender e implementar a essa questão em sua didática, salientando que é preciso aceitar a condição de que o deficiente é, como todo o homem, um ser humano com possibilidades, deveres e direitos (MANTOAN, 1989).

O professor, no entanto, precisa lançar mão de recursos e dentre esses está no protagonismo. Essa ação de protagonista é fundamental para incumbir nos alunos o molde a ser seguido e desenvolver neles um caráter também de protagonista, pois ao ver o professor e como ele é capaz de criar seus artifícios, os alunos pensaram também o mesmo e irão se desenvolvendo. Esse protagonismo, como diz Pasquali (2017), é uma construção coletiva:

Quando entendemos o protagonismo como o *modus operandi*, ou seja, como o balizador de como são construídas as relações, fica fácil entendermos também que ele é uma construção coletiva. Ou seja, é um equívoco achar que protagonismo é o ato, solitário, de se colocar. Ao dizer o que pensa, uma pessoa se expressa. Mas sempre existe um “contexto” (PASQUALI, 2017, p. 54).

Por isso, o trabalho desenvolvido na ação partiu muito do contato direto com outros professores, para que juntos construíssemos esse protagonismo e alcançássemos o desejo final: desenvolver a autonomia estudantil nos alunos com deficiência intelectual.

## **5 OBJETIVO GERAL:**

Diante de tantas assertivas e descobertas, posso assegurar que muitas questões perpassaram a prática pedagógica, aqui elaborada.

Contudo, o foco inicial sempre me manteve presente ao longo do dia e pode ser transcrito nas linhas a seguir como:

- Proporcionar autonomia estudantil em alunos com deficiência intelectual por intermédio da ação efetiva do professor de apoio, da sala de AEE.

## **6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

Esmiuçando melhor esse objetivo macro, podemos salientar os seguintes pontos a serem também alcançados:

- Discutir junto a equipe de docentes sobre o como está sendo feito o processo de ensino-aprendizagem dos alunos com deficiência intelectual;

- Contribuir para as reflexões e estudos sobre as questões existentes na sala;
- Atualizar o material didático utilizado e criar novos que corroborem a educação;
- Desenvolver uma autonomia estudantil por meio de instrumentos educacionais e conversas.

## **7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO:**

Para alcançar tais postulações é necessário traçarmos as atividades, apresentadas a seguir, que serão a base da intervenção.

### **7.1 Proposta de intervenção**

Diante tais preceitos e realidades, a ação interventiva teve como foco gerar uma autonomia estudantil nos alunos com deficiência intelectual. Esses meninos precisam enxergar que são seres importantes para a formação da sua sociedade e que desempenham e desempenharão um papel singular para a evolução dessa. Além disso, precisam ser capazes de compreender que o senso comum, isto é, de que nunca serão capazes de aprender e se desenvolver, é fruto de uma ignorância oriunda da falta de estudos e conhecimentos acerca do caso e que eles são a prova substancial que eles são errôneos.

Assim, a proposta, idealizada ao longo de seis meses e realizada em durante três, foi pensado e modulada para agir especificamente nesse setor. A minha ação foi observar as defasagens, as necessidades e os interesses, para então transmiti-las a professora responsável e de trato diário para juntas pensar ações e propostas.

O diálogo foi a base da ação. A troca de experiências e saberes foram a base para a elaboração e criação dos recursos, descritos a seguir, que utilizamos e criamos.

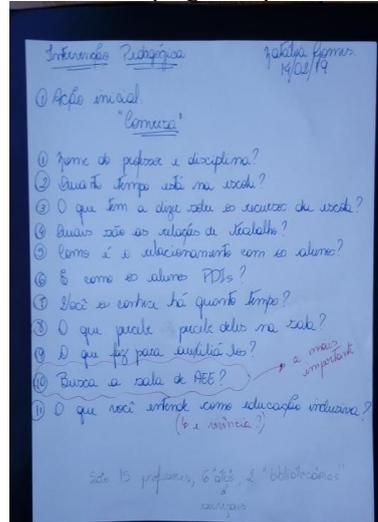
### **7.2 Recursos construídos para a intervenção.**

O primeiro recurso utilizado foi a conversa com os professores. Esse colaborou para conhecermos melhor as condições de trabalho, os alunos e quais as indagações que esses têm quanto a educação inclusiva.

Para que a conversa não fugisse muito da trama traçadas, algumas perguntas foram previamente escritas e elas tratavam exatamente sobre o reconhecimento do contexto escolar

ao qual os meninos com deficiência intelectual estavam inseridos. A figura 1 ilustra esse recurso.

FIGURA 1- Ficha de perguntas para reconhecimento

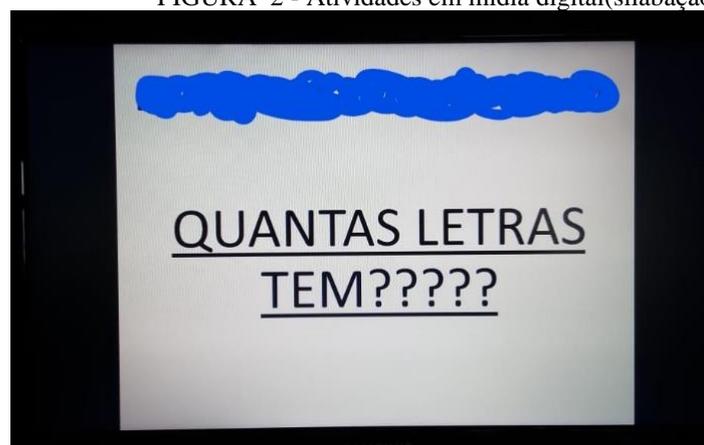


FONTE: Própria (2019)

A criação de materiais didáticos é uma tarefa que demanda do professor tempo, dedicação e muito estudo, pois além de dominar o conteúdo o qual deseja trabalhar ele precisa conhecer recursos (gráficos, eletrônicos, multimodais) para uma boa elaboração. Além disso, conhecer os alunos e suas preferências também é uma boa estratégia para aprimorar esses materiais que comporão a vida estudantil.

Sendo assim, atividades em Power point, Figura 2, foram criadas para auxiliar a aprendizagem dos alunos, principalmente, quanto a leitura.

FIGURA 2 - Atividades em mídia digital(silabação)

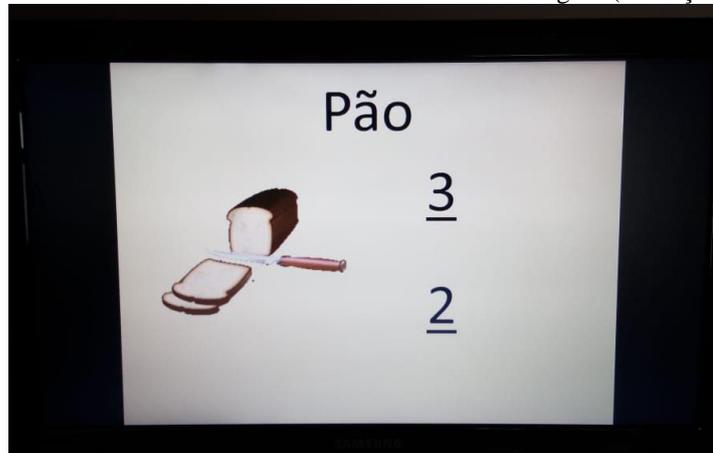


FONTE: Própria (2019)

Cada apresentação de Power point fazia referência a um conteúdo disciplinar importante e era composto em forma de quis. Caso o aluno errasse a pergunta o próprio slide diria que a resposta estava incorreta (mecanismo possível graças as inserções de hiperlink).

Caso acertasse, o slide mudaria a questão. Com essa forma de joguinho, os alunos gostavam de realizar as tarefas e sempre pediam para repeti-las (pois assim, não errariam mais nenhuma vez). A Figura 3 ilustra esse recurso.

FIGURA 3 - Atividades em mídia digital (silabação)



FONTE: Própria (2019)

Atividades foram criadas em parceria com os professores de sala regular. Tentando traçar um paralelo entre o conteúdo visto em sala e o nível dos alunos em análise, algumas tarefas e jogos surgiram para tentar suprir a defasagem que a sala de aula regular apresenta para eles, como exposto na Figura 4. Elas foram realizadas em sua maioria na sala de AEE, mas algumas realizadas durante o turno vespertino com o auxílio de uma professora de apoio (essa professora trabalha no suporte a um aluno autista da escola, porém, nos dias que esse falta ela colabora com a aprendizagem dos demais alunos com deficiência da sala de aula).

FIGURA 4 - Atividades criadas em consonância com a sala regular

História da Língua Portuguesa  
LÍNGUA PORTUGUESA - 1º ANO

---

• Vamos estudar um pouco sobre a nossa língua?

- 1) Tudo começou em **ROMA**, com o famoso **IMPÉRIO ROMANO**;
- 2) Depois de tantas conquistas, o Império de Júlio **CESÁR** cresceu e dominou outras partes do mundo;
- 3) Cada lugar conquistado recebeu o **LATIM** como língua oficial;
- 4) Com a morte do César, o Império começou a cair e a perder **PODER**;
- 5) Com o fim do Império, o Latim deixou de ser língua viva. Mas outras **LÍNGUAS** surgiram;
- 6) Dentre elas o **PORTUGUÊS** de Portugal;
- 7) Com a vinda dos portugueses para o **BRASIL**, essa língua passou a ser falada junto da língua dos **ÍNDIOS**;
- 8) Nasceu, dessa **MISIGENAÇÃO**, o Português **BRASILEIRO**.

- Faça um desenho da chegada dos portugueses ao Brasil, tendo o texto acima como auxílio.

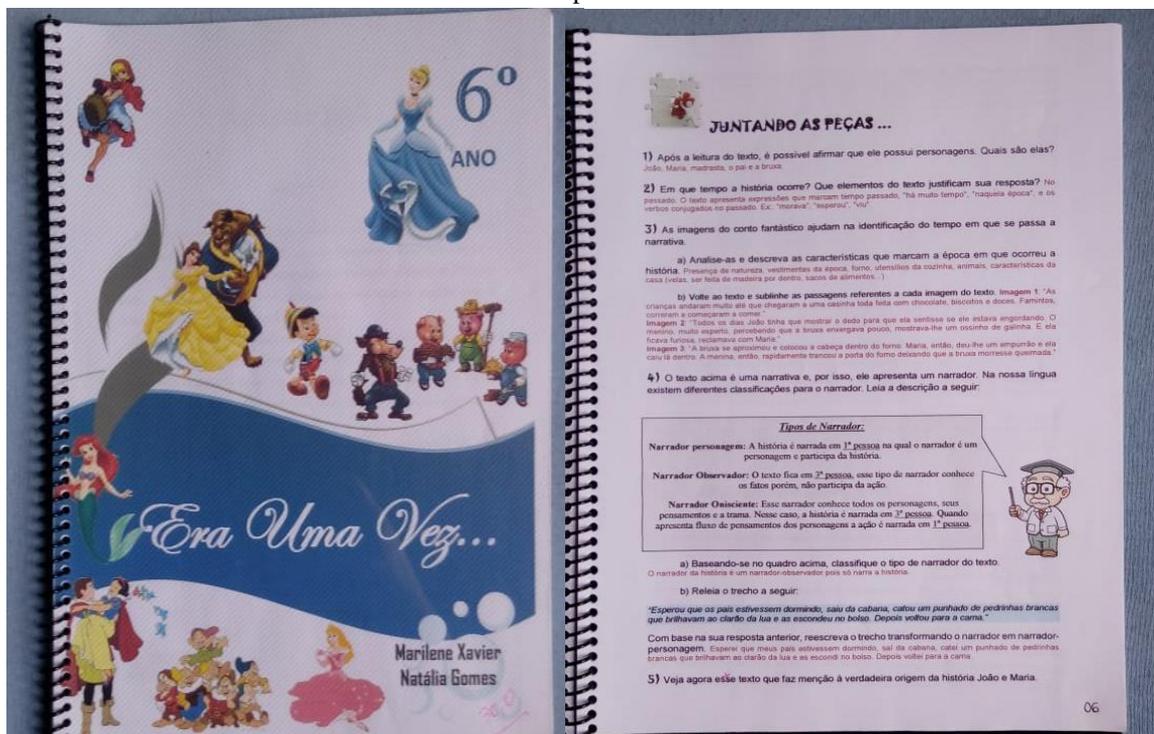




FONTE: Própria (2019)

Para auxiliar a leitura, fizemos a aplicação da apostila “Era Uma Vez”. Tal apostila foi criada durante a graduação em Letras, na disciplina Oficina: Criação de Materiais Didáticos, por mim e uma colega de curso, com o propósito de compreender todos os mecanismos que a criação de uma material demanda, bem como explorar o nosso potencial lúdico e inovador. Assim, a apostila, que inicialmente foi planejada para alunos do sexto ano fundamental, conta com a análise do conto infantil “João e Maria” e diversos outros textos que fazem intertextualidade com esse. Conteúdos disciplinares de português como a estrutura da narrativa, interpretação de textual, intertextualidades foram utilizados de forma integral, enquanto as questões de tempos verbais e ortografia não constaram na prática por estarem além dos conhecimentos dos alunos. A Figura 5 ilustra essa apostila.

FIGURA 5- Apostila 'Era Uma Vez'



FONTE: Própria (2019)

Vídeos encontrados facilmente na internet foram usados no primeiro momento para aprimorar o auto reconhecimento e a autoestima desses alunos. São pequenos curtas metragens que mostram pessoas e animais com algum tipo de deficiência que, inicialmente se sentiam inferiores em relação ao demais, mas que a partir dessa dificuldade, conseguiram vencer obstáculos e hoje são felizes e interagem no meio social que antes era opressor.

Um recurso criado a partir da necessidade dos alunos foi o cronograma semanal. Os alunos relataram que algumas tarefas eram realizadas todos os dias em todas as semanas. Com isso e como forma de auxiliá-los na visualização de seus afazeres, utilizamos o computador da sala de AEE para criar os cronogramas semanais de cada aluno: criados no word e com seus

próprios recursos, os alunos relataram seus afazeres diários e quais as cores gostariam de adicionar na legenda, como demonstra a Figura 6. Ao final, cada um recebeu o seu para colar em seu quarto e utilizaram a imagem como proteção de tela do celular.

FIGURA 6 - Cronograma semanal estudantil

**CRONOGRAMA DE ESTUDOS DIÁRIOS**

HORÁRIOS	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA	SÁBADO
7h às 11h 25	AULA NORMAL	DORMIR				
12h às 12h 30	ALMOÇAR COM A IRMÃ	ALMOÇAR COM A MÃE				
12h30 às 13h	VOLTAR PARA ESCOLA COM A IRMÃ	ALMOÇAR COM TODOS				
13h às 16h	IR PARA A AULA DA TIA FERNANDA	ESTUDAR SOCINHA	PSICOLOGIA DENTISTA	IR PARA A AULA DA TIA FERNANDA	ESTUDAR SOCINHA	IR PARA CASA DA VÓ
16h às 17h	ESPERAR A MÃE NA SALA DA BIBLIOTECA	ARRUMAR MEU QUARTO	VOLTAR PARA CASA	ESPERAR A MÃE NA SALA DA BIBLIOTECA	ARRUMAR MEU QUARTO	FAZER OS DEVERES DE CASA
18h às 19h	CAFÉ E ARRUMAR A MÓDULA					
19h às 22h	VER TELEVISÃO E MEXER NO COMPUTADOR					
22h às 6h	DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR	DORMIR

FONTE: Própria (2019)

Outro criado partir das necessidades foi uma ficha de leitura. Os alunos vão para a aula no contraturno de transporte escolar e retornam com seus pais (que passam na escola após seus serviços para busca-los), fazendo com que eles precisem esperar alguns minutos até a chegada do responsável. Com isso, a professora responsável encaminha os meninos para a biblioteca e pede a eles que escolham um livro, revista, gibi. Essa é uma prática prazerosa e que resolvemos aprimorar: os alunos ganharam uma ficha de leitura em que terão que descrever alguns aspectos da obra que escolherem e, preparar uma apresentação desse para a aula de quinta-feira (pois ambos estarão presentes na sala de recurso).

Essa atividade despertou a curiosidade e aos poucos eles começaram a querer ler o livro também. Simples questões, mas que foram objetivas e despertaram novas descobertas.

Conhecendo os recursos utilizados, saberemos a seguir por quanto tempo eles foram utilizados, bem como o tempo total gasto na ação por completo, para, então, explanarmos melhor sobre os desdobramentos e resultados.

## 8 CRONOGRAMA:

Para a obtenção de tais medidas, o seguinte cronograma foi estipulado a fim de orientar as ações e regular o tempo disponibilizado para ação interventiva.

Dezembro 2018 a Janeiro 2019 – Realizar nesta fase um levantamento bibliográfico capaz de embasar a ação de intervenção pedagógica. Organizar, mesmo que ainda de forma superficial (por não ter total conhecimento da escola), as atividades a serem realizadas na escola.

Fevereiro 2019 – Iniciar a inserção na escola destacada no presente trabalho. Análises junto aos professores, demais funcionários e alunos. Formular as possíveis estratégias e materiais que possibilitarão uma maior aprendizagem.

Março 2019 – Continuação da inserção na escola e efetivação das análises levantadas anteriormente: criação de materiais, leituras, pesquisas, ação dentro da sala de AEE

Abril (primeira quinzena) 2019 – Continuação das efetivações dos recursos didáticos, leituras, pesquisas eletrônicas e começo do acompanhamento, por escrito (anotações de campo) das evoluções dos alunos.

Abril (segunda quinzena) – Finalizar a inserção na escola destacada. Reorganizar as escritas acerca das ações realizadas.

Mai 2019 - Construir o trabalho de conclusão de curso e preparar a sua apresentação.

## **9 RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA:**

A proposta constitui uma ação interventiva pedagógica em que o objetivo principal foi desenvolver a autonomia estudantil em alunos com deficiência intelectual, por meio do papel protagonista do professor. Outra finalidade de tal trabalho foi a possibilidade de criar vínculos de trabalho com os demais professores da escola, bem como atualizar o material didático utilizado na sala de AEE, criando novos que corroborem a educação e aprendizagem. Demonstrando, assim, que é possível por meio dos recursos já existentes aprimorá-los e criar novos que tocarão de forma mais rápida nos alunos e em suas necessidades.

Pela urgência de se fazer um trabalho diferenciado com os alunos com deficiência intelectual e por poder colaborar de forma mais presente em seus cotidianos, as expectativas para tal ação eram as mais otimistas possíveis. Pensar que, futuramente, esses alunos conseguiriam entender melhor o seu papel dentro da sala de aula regular e que eles são capazes de desenvolver uma certa independência quanto aos seus estudos, como estudar em casa e fazer

algumas tarefas, foi de extrema importância para pensar as ações subsequentes e observar os avanços.

Contudo, somente pensar não é suficiente. Alterações ao longo da intervenção foram necessárias para se alcançar o propósito tratado. Como já salientado na seção anterior, o acompanhamento se deu na sala de recursos, a sala de AEE, que acontece todos os dias no contra turno, vespertino. Para delimitar o trabalho foi preciso abandonar a ideia central de fazer um acompanhamento diário, para agirmos somente nos dias destinados, pré-estabelecidos pela professora de AEE, aos alunos com deficiência intelectual. Assim, durante os meses de fevereiro, março e abril, as segundas, terças e quintas-feiras, das 13h às 16h, foram dedicadas à ação.

A sala de recursos é nova, recém instalada na escola, boa e pequena. Só perde pontos quanto a localização: ela fica em frente ao corredor de acesso a cantina e a quadro, o que faz com que na hora do intervalo dos meninos do ensino fundamental 1 o estudo seja constantemente atrapalhado devido ao barulho.

Mas, capaz de abrigar os alunos durante a semana. Ela está localizada no primeiro plano da escola e é acessível a todos. Conta com dois computadores para pesquisa, três mesas redondas de estudo e uma pequena retangular para a professora, que serve apenas para suporte das mochilas, uma vez que a professora se senta junto aos alunos em todos os momentos. A sala tem muitos cartazes, elaborados pelos alunos do Magistério do ano passado, que servem de apoio a aprendizagem: operações matemáticas, o alfabeto, trabalhos temáticos sociais (a importância da água, prevenção a dengue, campanhas nacionais de vacina). Apresenta um pequeno acervo de livros os quais são utilizados pelos alunos para desenvolver a leitura. Máquina copiadora e um pequeno quadro negro onde algumas explicações são dadas. Além dos aspectos da sala, os alunos contam com a Biblioteca da escola (onde o acervo literário é maior), a quadra (apesar de muitos desses alunos não gostarem de praticar esportes) e uma área de plantio, uma pequena horta.

As três horas diárias, sendo seis semanais, separadas para a sala de AEE são poucas em relação da demanda que esses alunos emanam. Chegar ao primeiro ano do ensino é uma tarefa difícil, pois responsabilidades novas surgem e o peso da vida adulta já aparece. Todavia, chegar nesse estágio com o peso a mais de não ter dito um atendimento inclusivo anterior, que o deixa completamente perdido no ensino regular, é mais desafiador e difícil.

Por essa razão, ao chegar para a realização da prática fui recebida de braços abertos. A escola me acolheu porque já existia entre nós trabalho e dedicação oriundos da sala regular, eu como professora de português, e das demais relações escolares (reuniões pedagógicas, saraus

literários, projetos, sábados letivos). Os professores foram receptivos porque enxergaram em mim uma ferramenta de auxílio nessa tarefa que muitas vezes é difícil. A sala de recursos, seus alunos e professores, me estendeu a mão e compreendeu que meu trabalho não era julgar, discriminar e ou fazer qualquer outra ação que os viesse desmotivar ou prejudicar. Pelo contrário, eles todos compreenderam que eu estava ali para ajudar e aprender muito.

As duas semanas seguintes ao contato inicial foram dedicadas ao reconhecimento do perímetro. Reconhecimento da sala de AEE, dos materiais existentes, das metodologias abordadas pelos professores e, principalmente, dos dois alunos com deficiência intelectual. Conversas descontraídas sobre times de futebol, novelas, desenhos animados, viagens, arte (ambos os alunos adoram desenhar, pintar, colorir), festas regionais foram de extrema importante para estreitar meu laço de relacionamento para com eles e serviram de base para chegarmos a assuntos como: bullying, desmotivação para continuar os estudos e autoestima muito baixa.

Os alunos aqui analisados detinham suas inúmeras diferenças, mas duas características em comum: eram alunos com deficiência intelectual e cresceram ouvindo que eram “burros” e “nunca iriam aprender nada”. Essa política, que não é surpresa para nós, é fruto de uma cultura de desprezo e ignorância que as instancias sociais tem quanto as deficiências. A história do processo de inclusão no Brasil é muito recente (datando seu início a fundação da Instituto Benjamin Constant, em 1854, no Rio de Janeiro, destinado a deficiência visual) e os cursos de formação, hoje, pouco tratam desse ramo educacional. Como afirma Antunes (2012) “Esses últimos acabam sendo submetidos a uma educação que não atende suas necessidades específicas e, mais do que isso, a benesses daqueles que encaram o atendimento educacional das pessoas com deficiência como uma medida meramente assistencialista.”

Perante os fatos, conversei com a professora responsável pelo atendimento dos meninos e ela reforçou todas os dizeres anteriores, salientando que há alguns dias vem conversando com eles sobre a importância deles para a família, para a escola, para ela como professora, para que eles entendessem de alguma forma que são importantes sim e fazem a diferença.

Buscando então sanar essa questão ou amenizá-la, começamos um trabalho de análise textual, sendo o nosso texto vídeos achamos facilmente na internet. “A máquina resolvidora de problemas (2016)”, “Piper (2017)” e “Tente Não Chorar !! Animação triste do porco espinho (2018)” forma vídeos vistos pelos alunos e que deram um bom resultado, pois eles conseguiram enxergar que as personagens presentes ali detinham deficiências e medos, como eles, mas que não desistiram de seus desejos e busca pela felicidade. Para além do

propósito inicial os vídeos serviram também para auxiliar a capacidade argumentativa dos alunos, porque eles tiveram que dizer o que viram nos vídeos, o que tem de semelhante com eles, quais lições podemos tirar, se gostaram ou não.

As discussões formam as práticas mais eficazes ao longo do processo. Os alunos, com o correr dos dias, começaram a falar mais e a apresentar um raciocínio contínuo: faziam assimilação com as tarefas anteriores, falavam de conteúdos que os professores disseram pela manhã na sala e que era parecido com a atividade e contavam situações passadas que eram lembradas durante as atividades. Esse desenvolvimento da oralidade é importante pois os professores de sala regular podem utilizá-la como ferramenta de ensino-aprendizagem: pedir ao aluno para falar aquilo que entendeu da matéria, propor apresentações de trabalhos, fazer mais rodas de conversa em sala (ao invés do quadro e giz). E para os próprios alunos com deficiência é importante porque eles começam a se enxergar como alguém que uma habilidade mais desenvolvida que os colegas (que nas disciplinas apresentam grande vergonha quando precisam perguntar e responder).

Outra atividade impactante e que merece destaque foi a elaboração dos cronogramas semanais. Os alunos com deficiência intelectual não demonstravam que compreendiam que suas semanas tinham uma regularidade, sendo então, possível criarmos um cronograma. Ao criá-los eles perceberam que a rotina é verdadeira e começaram a obedecer às novas atividades propostas para seus dias (como estudar sozinho e arrumar a mochila). Respeitando as diferenças (um preferiu um cronograma mais colorido e detalhado, enquanto o outro pediu menos cores – dizendo que ficava confuso, e menos detalhes) os cronogramas foram criados e muito auxiliaram na percepção da importância de se estudar em sala regular, sala de AEE e em casa.

Ver eles justificando se haviam respeitado ou não o estipulado, foi de grande satisfação.

A ficha de leitura teve resultado para além do esperado. Uma atividade criada apenas para dar razão ao fato deles ficarem um período de tempo na biblioteca sutil efeitos inesperados: os alunos começaram a se interessar pelos livros, pedindo que nós os lêssemos para eles. Após algum tempo, período de um mês, começamos a pedir a leitura deles e estamos caminhando para o aperfeiçoamento desde então. A leitura silábica está em seu processo final de conclusão, sendo necessário agora desenvolver a compreensão entre sentido e texto.

As atividades foram sendo elaboradas mediante a demanda que os meninos apresentavam. Materiais foram criados (como os slides para a aprendizagem das contagem de letras e silábicas), outros foram adaptadas e reestruturados (como a apostila “Era Uma Vez”),

Porém, o que se sobressaiu foi o comprometimento que esses dois alunos apresentaram no final da ação: a participação da sala de AEE e na sala de aula regular mudaram completamente e, hoje, eles são alunos ativos. A necessidade de organização e visibilidade trazido pelo cronograma deu a eles um novo gás para os estudos e para vivenciar o ensino médio.

## **10 CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Diante um contexto corriqueiro na vida escolar, que muitas das vezes passa por despercebido, é que esta pesquisa surgiu. Foi através do olhar para o número crescente de alunos com deficiência na sala de aula regular, de uma escola pública de cidade pequena, e, mais especificamente, a situação a qual os alunos com deficiência intelectual se encontravam, que as questões problemas surgiram: Como o professor da sala de recursos, partindo da sua autonomia como criador de materiais e recursos didáticos, pode colaborar verdadeiramente para a efetivação da inclusão na escola pública? Como ele pode auxiliar o grande número de aluno com deficiência intelectual a ser mais ativo em sua aprendizagem?

O manejo e trabalho com a deficiência intelectual sempre causou inúmeros receios devido aos mitos que ainda a cercam, bem como, por se tratar de uma deficiência ligada a capacidade cognitiva da criança.

Segundo os autores pesquisados, os alunos que possuem deficiência intelectual são capazes de aprender e desenvolver a sua inteligência, desde que tenham um acompanhamento pedagógico e o tempo necessário realizar suas assimilações (isso porque, sabemos, que cada aluno possui um tempo físico para poder absorver aquilo que lhe foi exposto e, em seguida, para desenvolver uma aprendizagem efetiva).

Mais uma vez, o papel do professor é primordial nesse processo, já que é sua a missão de formar cidadãos críticos e ativos. Cabe ao docente, além das questões burocráticas das escolas, acurar sempre e constantemente seus conhecimentos, enquanto pesquisador, e suas práticas de ensino, para que atenda todas as necessidades que o novo alunado demanda. É através do seu protagonismo, seja em sala de aula regular ou de AEE, que o professor irá desenvolver a aprendizagem, a interação, a autoestima desse alunado e principalmente, ser modelo para que esse desenvolva a sua autonomia enquanto estudante.

Vale salientar, nestas linhas finais do trabalho, as circunstancias que foram de dificuldades para a realização ideal da proposta. A ausência foi uma das mais alarmantes. Como já explicado, a escola se encontra em uma cidade em que grande parte da população vive na

zona rural. Nos dias de chuva, me refiro a chuvas intensas, os alunos não se fizeram presentes devido ao fato do transporte público não conseguir chegar a tais áreas. Além disso, problemas familiares que enfrentei no período final da intervenção fizeram com que algumas atividades elaboradas não pudessem ser aplicadas de forma desejável.

Nas metodologias também houve problemas. Muitas das atividades previamente planejadas estão em total desacordo com o nível do alunado. Por essa razão, a conversa com os professores e com os próprios alunos além de nos dar base para a ação, nos serviu também para desacelerar e reformular as questões para atender à necessidade real do aluno e não aquelas idealizadas. Contudo, isso ocorreu apenas nas primeiras semanas da ação.

A ação possibilitou um conhecimento do modo de como trabalhar com alunos deficientes intelectuais, a eliminar os mitos sobre tal deficiência e as possibilidades dos alunos, a desenvolver nos professores o seu caráter inventivo e lúdico (pois, muitas vezes, os docentes, devido ao intenso fluxo de trabalho, acabam se firmando apenas naqueles materiais já prontos, como livros didáticos e exercícios extraídos da internet) e o trabalho em conjunto com a sala de AEE, e no acompanhamento da criação de uma autonomia estudantil por parte das crianças analisadas, que ao final do processo tinham instituídos em suas semanas um cronograma de atividades e já conseguiam desenvolver melhor a leitura, melhor a participação oral nas aulas e reconhecer a necessidade de se estudar além dos muros das escola.

Ademais, a pesquisa realizada teve efeitos em meu crescimento profissional, pois me ensinou a enxergar os detalhes que formam as nossas salas de aula, a compreender e agir dentro de uma sala de AEE e desenvolver a minha missão quanto educadora e agente de melhoria de vidas.

Precisamos sempre ratificar a ideia que fazer a inclusão acontecer é ter para com o próximo um ato de amor e essa inclusão, como bem disse Salamanca (1994), independe de fatores e deficiências, ela é para todos e todas. É preciso que todas as crianças e adolescentes se sintam parte integrante e ativa da comunidade a qual participam, sabendo resguardar suas diferentes e condições. Aceitar as diferenças, valorizá-las e baseando-se nelas é que a aprendizagem flui e faz o indivíduo crescer.

## 11 REFERÊNCIAS:

ALVEZ, Mari Celma Matos Martins. **Protagonismo docente**: a configuração de um novo perfil docente à lógica do capital. UFSC, IX ANPED SUL, 2012 Disponível em:

<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2354/156>. Acesso em 04 jan 2019

ANTUNES, Kátiuscia C. Vargas. **História de Vida de alunos com deficiência intelectual: percurso escolar e a constituição do sujeito**. 2012. 154 f. Tese (Doutorado em educação) – Faculdade de Educação da UFRJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, RJ. Cap. 1, p.20-42, cap. 2, p. 43-50

BRASIL. **Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 de dez.1996. Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm)>. Acesso em 07 jan 2019.

BRASIL. **LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 6 de julho de 2015 Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm)>. Acesso em 05 jan 2019.

MANTOAN. M.T.E. **Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais**. São Paulo: Scipione, 1989.

\_\_\_\_\_. **A integração de pessoas com deficiências: contribuições para uma reflexão sobre o tema**. São Paulo, Memnon: edições científicas, 1997.

**Máquina resolvidora de problemas**. AACD. Youtube. 4 jul 2016. 2min37s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UFo32ANjCGo>. Acesso em: 20 fev 2019.

MORGADO, José. **Política educativa, educação inclusiva e diferenciação ou «Como posso fazer pedagogia diferenciada se tenho vinte e oito alunos e quatro são diferentes dos outros?** Análise Psicológica (1999), 1 (XVII): 121-126.

PASQUALI, Carolina. **Dá pra ser protagonista só de vez em quando?** In. FRANZIM, Yirula Raquel; LOVATO, Antonio; PRESTES Carolina (org.). **Protagonismo: A Potência De Ação Da Comunidade Escolar**. 1ª edição. São Paulo - Ashoka / Alana, 2017. p. 52 – 57.

**Piper Short Film by Disney Pixar**. FilmInTheMaking. Youtube. 10 fev. 2017. 6 min26s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lkQTe0Wdo2k>. Acesso em: 20 fev 2019.

SALAMANCA: **A declaração de Salamanca sobre princípios, políticos e prática em educação especial**. Disponível em: Brasil. Acesso em 05 jan 2019

TÉDDE, Samantha. **Crianças com deficiência intelectual: a aprendizagem e a inclusão**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). UNISAL - Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Americana. Disponível em: [https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_Samantha-T%C3%A9dde.pdf](https://unisal.br/wp-content/uploads/2013/03/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Samantha-T%C3%A9dde.pdf). Acesso em: 08 jan 2019.

**Tente Não Chorar!!** Animação triste do porco espinho. Ryan alien. Youtube. 7 dez 2018. 1min37s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=p9rx9O226D4>. Acesso em 20 fev 2019.

THESING, Mariana Luzia Corrêa, MOROSINI, Marília Costa. **Autoridade docente e autonomia estudantil**: problematizações sobre suas relações, práticas e saberes. Revista Educação Unisinos, 2018. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2018.221.11/60746125>>. Acesso em 14 dez. 2018

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

#### **ANEXO A – Termo de consentimento para desenvolvimento do projeto de intervenção:**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA - UFJF  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO - FACED  
CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM  
CONTEXTOS ESCOLARES

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA DESENVOLVIMENTO DE PROJETO  
DE INTERVENÇÃO

À Direção da Escola

---

Prezado(a) Senhor (a) \_\_\_\_\_

Como aluno (a) do curso de especialização em EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES promovido pela UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA – UFJF, através do CENTRO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA – CEAD, venho por meio desta, solicitar a autorização para desenvolvimento de meu projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que consiste em um projeto de intervenção com o objetivo de

---

---

Para o desenvolvimento deste projeto, que será realizado na turma \_\_\_\_\_ serão utilizados \_\_\_\_\_ procedimentos \_\_\_\_\_ tais \_\_\_\_\_ como \_\_\_\_\_

---

---

Como estudante do referido curso, gostaria de assegurar o caráter acadêmico do presente estudo, assim como a utilização de procedimentos para a proteção da identidade dos sujeitos, a confiabilidade dos dados e a ética no tratamento dos dados quando estes se referirem ao sujeito e a instituição em que este desenvolve o seu trabalho.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos, na certeza de que o resultado de tal estudo possa contribuir para a obtenção de informações que permitam uma melhor \_\_\_\_\_ compreensão sobre \_\_\_\_\_

---

\_\_\_\_\_, e contribuindo assim, para a construção de práticas escolas mais inclusivas que garantam o direito à educação para todos.

Juiz de Fora, \_\_\_ fevereiro de 2019.

---

Nome do aluno (CPF/ telefone de contato)